

CONVIVIALIDADE EM ARQUITETURA E DESIGN: Revisão Sistemática da Literatura

CONVIVIALIDAD EN ARQUITECTURA Y DISEÑO: Una Revisión sistemática de la literatura

CONVIVIALITY IN ARCHITECTURE AND DESIGN: A Systematic Literature Review

MELLO, CAROLINA IUVA DE

Doutora em Extensão Rural, Professora do Departamento de Desenho Industrial e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da Universidade Federal de Santa Maria, E-mail: carolina.mello@ufsm.br

ACOSTA, PAULA AGNES

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da Universidade Federal de Santa Maria, E-mail: paulaacosta@gmail.com

ROMANO, FABIANE VIEIRA

Doutora em Engenharia da Produção, Professora do Departamento de Desenho Industrial e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da Universidade Federal de Santa Maria, E-mail: fabiane.v.romano@ufsm.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão sistemática da literatura (RSL), conduzida com base no protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), com o objetivo de identificar e analisar de que maneira a convivialidade tem sido abordada em estudos relacionados à arquitetura e ao design. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados da CAPES e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), contemplando publicações nacionais e internacionais. Ao todo, foram inicialmente identificados 26 trabalhos, que passaram por etapas de triagem e aplicação de critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, resultando na seleção de 11 pesquisas para análise aprofundada. Os resultados evidenciam um crescimento das publicações nos últimos anos, indicando maior interesse pelo tema no campo acadêmico. Observou-se que a convivialidade tem sido associada à participação colaborativa em processos projetuais, à apropriação dos espaços por diferentes sujeitos e ao fortalecimento de vínculos sociais mediados pelo ambiente construído. Além disso, emergem reflexões que aproximam a convivialidade de práticas colaborativas, sustentáveis e orientadas para a promoção da convivência social. Conclui-se que o presente mapeamento contribui para a consolidação da convivialidade como categoria analítica no campo da arquitetura e do design, ampliando o repertório de referências disponíveis e oferecendo subsídios para futuras pesquisas e práticas projetuais comprometidas com modos de habitar mais éticos, inclusivos e sustentáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Convivialidade; Arquitetura; Design; Participação Social.

RESUMEN

Este artículo presenta una revisión sistemática de la literatura (RSL), realizada con base en el protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), con el objetivo de identificar y analizar de qué manera la convivialidad ha sido abordada en estudios relacionados con la arquitectura y el diseño. La búsqueda bibliográfica se llevó a cabo en las bases de datos de CAPES y de la Biblioteca Digital de Tesis y Disertaciones (BDTD), contemplando publicaciones nacionales e internacionales. En total, se identificaron inicialmente 26 trabajos, que pasaron por etapas de cribado y aplicación de criterios de inclusión y exclusión previamente definidos, resultando en la selección de 11 investigaciones para un análisis más profundo. Los resultados evidencian un crecimiento de las publicaciones en los últimos años, lo que indica un mayor interés por el tema en el ámbito académico. Se ha observado que la convivencia se ha asociado con la participación colaborativa en procesos de diseño, la apropiación de espacios por parte de diferentes sujetos y el fortalecimiento de los vínculos sociales mediados por el entorno construido. Además, emergen reflexiones que aproximan la convivialidad a prácticas colaborativas, sostenibles y orientadas a la promoción de la convivencia social. Se concluye que el presente mapeo contribuye a la consolidación de la convivialidad como categoría analítica en el campo de la arquitectura y el diseño, ampliando el repertorio de referencias disponibles y ofreciendo insumos para futuras investigaciones y prácticas proyectuales comprometidas con modos de habitar más éticos, inclusivos y sostenibles.

PALABRAS-CLAVES: Convivialidad; Arquitectura; Diseño; Participación social.

ABSTRACT

This article presents a systematic literature review (SLR), conducted based on the protocol (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), aiming to identify and analyze how conviviality has been addressed in architecture and design studies. The bibliographic search was carried out in the CAPES databases and the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), covering national and international publications. Initially were identified 26 works, which went through screening stages and the application of predefined inclusion and exclusion criteria, resulting in the final selection of 11 studies for in-depth analysis. The results show a growth in publications in recent years, indicating increasing academic interest in the topic. It has been observed that conviviality has been associated with collaborative participation in design processes, the appropriation of spaces by different subjects, and the strengthening of social bonds mediated by the built environment. Furthermore, emerging reflections link conviviality to collaborative and sustainable practices, oriented toward the promotion of social coexistence. It is concluded that this mapping contributes to the consolidation of conviviality as an analytical category in the field of architecture and design, expanding the repertoire of available references and providing inputs for future research and design practices committed to more ethical, inclusive, and sustainable ways of inhabiting.

KEYWORDS: Conviviality; Architecture; Design; Social participation.

Recebido em: 18/09/2025

Aceito em: 22/12/2025

1 INTRODUÇÃO

Presencia-se, na atualidade, as consequências de um mundo movido pela produção acelerada de bens de consumo e pela busca incessante por lucro, o que caracteriza um aumento significativo do impacto da humanidade sobre o planeta Terra, sobretudo a partir da Revolução Industrial. O Antropoceno — termo utilizado por cientistas e pensadores para designar o período em que a ação humana passou a exercer influência decisiva sobre os sistemas naturais — evidencia não apenas a degradação ambiental e as mudanças climáticas, mas também as profundas desigualdades sociais e os modos de vida acelerados e insustentáveis que marcam a contemporaneidade.

Nesse cenário, o conceito de convivialidade surge como alternativa crítica ao modelo dominante de desenvolvimento, centrado na exploração e na aceleração dos processos produtivos. Propõe modos de vida baseados na cooperação, na autonomia e na construção de relações mais equilibradas, por meio de práticas cotidianas sustentáveis, tecnologias apropriadas e ambientes que promovam o bem-estar coletivo, o uso consciente dos recursos e a equidade social.

O termo ganhou relevância especialmente com Ivan Illich (1973), que, em sua obra *Tools for Conviviality*, apresentou uma crítica profunda às instituições modernas e à dependência excessiva das tecnologias, defendendo a autonomia individual e o uso de ferramentas que favoreçam relações humanas mais equilibradas e igualitárias. Autores como Jacques Ellul (1954) e André Gorz (1980) também dialogam sobre questões relativas à produção, à autonomia e à sociedade, oferecendo bases conceituais que fortalecem o debate sobre convivialidade e racionalidade técnica. No campo do *design*, Ezio Manzini (2015) atualiza e expande a noção de convivialidade ao conectá-la a práticas de inovação social, comunidades colaborativas e sustentabilidade, enquanto Victor Papanek (1971) discute o *design* ético, inclusivo e centrado no ser humano em diálogo direto com essa perspectiva.

Quando aplicada à arquitetura e ao *design*, a convivialidade adquire destaque ao reconhecer o papel fundamental desses campos na mediação das relações humanas com o espaço, com o ambiente e entre os indivíduos. Essa perspectiva valoriza a criação de espaços que promovam encontro, troca e colaboração, bem como o uso de materiais acessíveis, sustentáveis e de baixo impacto ambiental, sempre reforçando o cuidado com o território e a preservação dos recursos naturais.

Uma sociedade convivial (ou de convívio) deve ser projetada para permitir a todos os seus membros a ação mais autônoma por meio de ferramentas menos controladas por outros. As pessoas sentem alegria, em oposição ao mero prazer, na medida em que suas atividades são criativas; enquanto o crescimento de ferramentas além de um certo ponto aumenta a regulamentação, dependência, exploração e impotência (Illich, 1973, p. 33, tradução nossa).

Assim, diante da crescente relevância do conceito de convivialidade e das discussões em torno do *design* convivial, esta pesquisa busca responder às seguintes questões: como a convivialidade é tratada na literatura científica no que diz respeito à configuração e ao uso dos ambientes? Qual é a relação entre convivialidade, arquitetura e *design*? Para tanto, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, com análise bibliométrica, nas plataformas da CAPES e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), a fim de contribuir com o debate sobre o tema e oferecer um panorama do conceito aplicado à arquitetura e ao *design*. Os objetivos consistem em identificar, mapear e discutir os conceitos e aplicações da convivialidade no campo projetual, considerando aspectos teóricos e práticos. A estrutura do texto apresenta inicialmente a fundamentação teórica sobre convivialidade e suas relações com arquitetura e design, seguida da descrição da metodologia, da análise dos resultados obtidos na revisão e, por fim, das conclusões e implicações para pesquisa e prática projetual.

2 CONVIVIALIDADE E ARQUITETURA: ABORDAGENS TEÓRICAS

O termo proposto por Ivan Illich, no original em inglês — *conviviality* —, tem sido traduzido de diferentes formas para o português, o que gerou variações como "convivial", "convivencial" ou ainda "convivialidade". Embora essas formas coexistam na literatura, todas procuram expressar a mesma ideia central de Illich: a de uma sociedade baseada na cooperação, com autonomia e equilíbrio.

A escolha entre o termo "convivial" e "convivencial" depende, muitas vezes, da preferência do tradutor ou da tradição teórica adotada, mas ambas são compreendidas como equivalentes conceituais no contexto das discussões sobre tecnologia, autonomia e organização social.

Convivialidade é um termo amplamente utilizado na sociologia, mas não tanto no planejamento urbano e *design*. Diversos estudiosos do espaço urbano identificaram uma falta de interação, ausência de vida nas ruas, perda de capital social e diminuição da equidade nos espaços públicos. Vemos isso como uma necessidade de convivialidade (Rodríguez, 2015, p. 314, tradução nossa).

A convivialidade, como exposta acima, surge como um princípio essencial para repensar os espaços. Mais do que uma simples interação entre indivíduos, ela envolve a criação de ambientes que favoreçam o encontro, o compartilhamento e o senso de pertencimento.

O conceito ganhou destaque a partir da obra de Ivan Illich, especialmente com a publicação do livro *Tools for Conviviality*, em 1973, no qual o autor definiu convivialidade como uma alternativa ao modelo industrial e tecnocrático dominante, defendendo ferramentas e estruturas sociais que favoreçam a autonomia, a criatividade e a cooperação entre as pessoas. Para Illich (1973), uma sociedade convivial é aquela em que os indivíduos têm liberdade para interagir, aprender e produzir de forma participativa, sem se tornarem dependentes de sistemas opressivos ou hierarquizados.

Eu escolho o termo 'convivialidade' para designar o oposto da produtividade industrial. Pretendo que isso signifique relações autônomas e criativas entre pessoas, e a relação de pessoas com seu ambiente; e isso em contraste com a resposta condicionada das pessoas às demandas feitas a elas por outros e por um ambiente feito pelo homem. Considero a convivência como uma liberdade individual realizada na interdependência pessoal e, como tal, um valor ético intrínseco [...] (Illich, 1973, p. 24, tradução nossa).

Ainda enquanto prática social e em contextos marcados pelo crescente individualismo e pela mediação tecnológica, a convivialidade propõe uma ética da presença, na qual o estar com o outro adquire centralidade. Além disso, defende que as pessoas devem ter acesso livre ao saber, podendo aprender o que desejarem, no momento em que desejarem, sem depender de estruturas rígidas ou institucionalizadas. Essa liberdade de aprender e de usar as ferramentas de forma autônoma é fundamental para o desenvolvimento da criatividade, do protagonismo e da autonomia individual.

Gorz (1980), por exemplo, faz uma crítica ao produtivismo e apresenta bases para pensar a convivialidade como alternativa: uma sociedade orientada pela autonomia, pela autogestão e pelo uso de técnicas que sirvam ao viver humano e não à maximização da produção. Nas palavras dele,

[...] Sua força reside no fato de que um tipo diferente de sociedade, que abre novos espaços de autonomia, só pode emergir se os indivíduos se propuserem, desde o início, a inventar e implementar novos relacionamentos e formas de autonomia (Gorz, 1980, p. 11, tradução nossa).

Reforçando tal afirmação e já emergindo no campo do *design*, Ezio Manzini (2015) argumenta que o papel do *design* contemporâneo é justamente favorecer práticas sociais orientadas para a autonomia e para novas formas de convivência.

Parece-me que o que precisamos é de uma nova cultura de *design* capaz de captar o profundo sentido de socialidade, ou melhor, das várias formas de socialidade que gostaríamos que fossem produzidas' (Manzini, 2015, p. 172, tradução nossa),

Tal argumentação se justifica visto que "o *design* tornou-se a ferramenta mais poderosa com a qual o homem molda suas ferramentas e ambientes (e, por extensão, a sociedade e a si mesmo)" (Papanek, 1971, p. 14, tradução nossa). Sob essa mesma perspectiva, mais recentemente, Franzato (2024) reforça a influência de Illich no *design* voltado à sustentabilidade e ao *codesign*, afirmando que:

A comunidade de *design* já enfrentou a necessidade de confrontar a lógica da industrialização. No *design* para a sustentabilidade, a comunidade de *design* enfrenta desafios para atingir seus objetivos ao operar no modelo de desenvolvimento atual, que é insustentável (Franzato, 2024, p. 36, tradução nossa).

Dessa forma, a reflexão sobre modelos de desenvolvimento alternativos tem promovido à valorização de abordagens mais participativas e colaborativas no *design*, que buscam não apenas soluções técnicas, mas também relações sociais mais equitativas. Essa perspectiva amplia o entendimento de *design* como prática

social, destacando a importância de ambientes que promovam a interação e a autonomia coletiva. Um *design* convivial busca criar ambientes que favoreçam o encontro, a permanência e a cooperação, atuando como mediador de experiências coletivas. Mobiliários compartilháveis, layouts abertos e elementos flexíveis são exemplos de soluções projetuais que estimulam a interação espontânea e o senso de pertencimento.

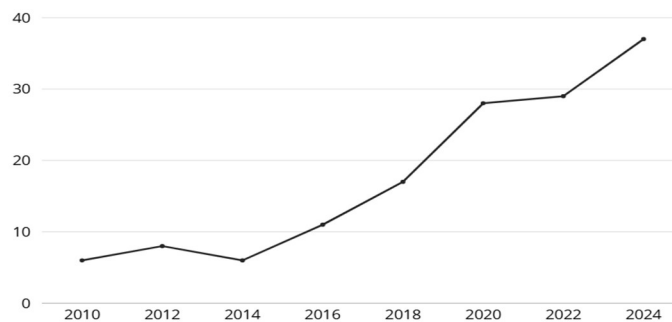
Espaços que propiciam o convívio, a celebração e o lazer são atributos que, argumenta-se, catalisam a interação social potencial; no entanto, são casuais ou fugazes e podem, sem dúvida, ser promovidos em qualquer escala do ambiente construído (Tooley, 2023, p. 168, tradução nossa).

Quando se considera a relação entre arquitetura e aprendizado, Illich ressaltava a importância da conexão entre o indivíduo e o espaço, afirmando que “a qualidade do ambiente e a relação de uma pessoa com ele determinarão o quanto ela aprende incidentalmente” (Illich, 1971, p. 34, tradução nossa).

Thombre e Kapshe (2020) desenvolveram uma tabela que busca relacionar os espaços públicos abertos e conviviais, apresentando exemplos de atividades realizadas nesses espaços, as respectivas percepções (tanto cognitivas quanto emocionais e interpretativas) e os atributos da forma física/construída conviviais correspondentes a cada item tratado. Para as pesquisadoras, “a observação das atividades humanas e a mensuração da percepção humana em relação à convivialidade em um espaço público podem ajudar a determinar o desempenho do ambiente construído” (Thombre; Kapshe, 2020, p. 4387, tradução nossa).

A presença do tema na literatura pode ser ilustrada pela Figura 1, derivada de uma investigação preliminar realizada pelas autoras na plataforma Scopus, que abrangeu o período entre 2010 e 2024 e focalizou dados bibliométricos. Nela, a recorrência da citação do termo por ano revela um número reduzido, porém crescente, de publicações que abordam o conceito de convivialidade relacionado ao ambiente.

Figura 1. Distribuição temporal das citações na Scopus (setembro, 2025).



Fonte: Autoras.

A partir do exposto pode-se afirmar que o espaço construído não deve ser encarado apenas como um cenário passivo das relações humanas, mas como um elemento ativo na construção de experiências significativas e na promoção da convivialidade, reforçando a importância da investigação apresentada a seguir.

3 METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma revisão sistemática da literatura sobre a relação entre o conceito de convivialidade, a arquitetura e o *design*. Trata-se de um estudo de natureza descritivo-exploratória que busca apresentar os principais indicadores das publicações acadêmicas que abordam essa relação e se propõe a contribuir para o aprofundamento do tema por meio de uma análise bibliométrica. A partir dessa análise, pretende-se identificar lacunas na literatura e oferecer subsídios para futuras investigações na área, auxiliando na construção de uma visão geral do campo da convivialidade relacionada à arquitetura e ao *design*.

A revisão sistemática segue uma abordagem estruturada, na qual, na etapa de planejamento, foram definidas estratégias de busca — como palavras-chave, recorte temporal, idioma, tipo de estudo e base de dados — e estratégias de triagem, como critérios de inclusão e exclusão. Dessa forma, a presente RSL foi conduzida com base nos princípios do protocolo (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), um conjunto de diretrizes adotado para estruturar e relatar revisões sistemáticas e metanálises com maior rigor. Para tanto, a revisão segue as etapas: i) buscar nas bases de dados os trabalhos usando os

descritores definidos; ii) eliminar duplicatas e realizar uma leitura inicial dos títulos e resumos, aplicar os critérios de inclusão e exclusão, e excluir os trabalhos fora do escopo; iii) realizar a leitura dos textos completos potencialmente relevantes; e iv) selecionar os estudos que serão incluídos no corpo da análise teórica.

Por se tratar de uma revisão de natureza teórica e bibliométrica, não foi aplicada uma ferramenta formal de avaliação da qualidade metodológica dos estudos. A seleção final baseou-se na aderência temática dos textos e na sua relevância conceitual para a discussão proposta.

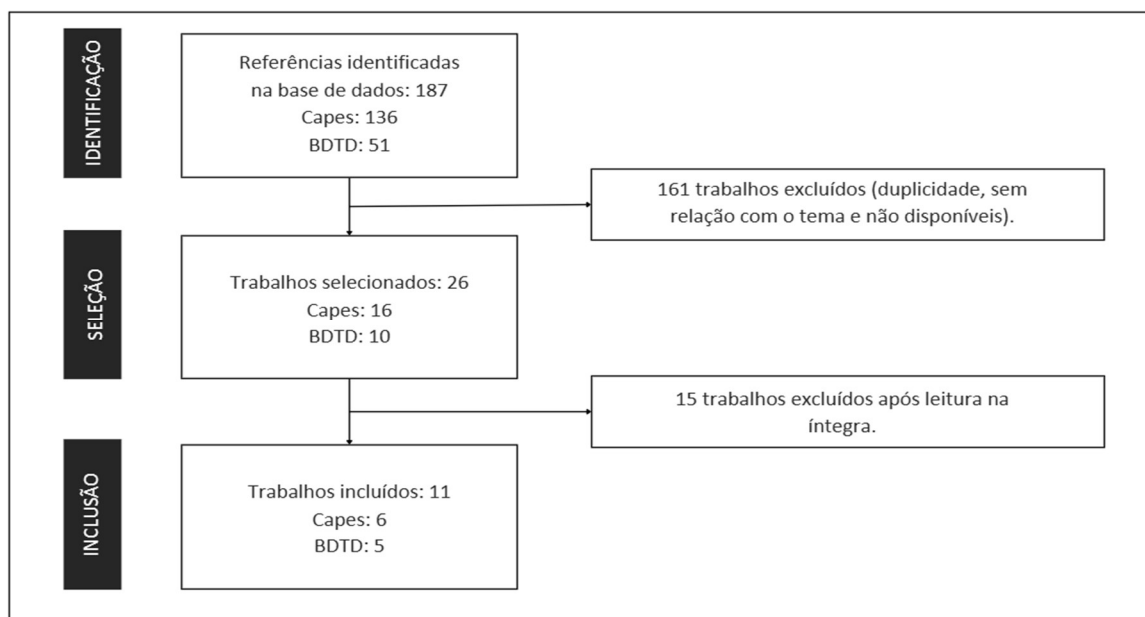
Para a elaboração da *string* de busca, foram utilizados os termos: (*architecture* OR *design*) AND (*conviviality* OR *convivial*), a fim de abranger publicações que tratam tanto da arquitetura quanto do *design*, ampliando assim o escopo da pesquisa e garantindo uma maior variedade de resultados relevantes dentro das áreas correlatas. Na base da CAPES, os filtros de busca consideraram a seleção dos termos em “Qualquer campo”, “Acesso aberto”, “Artigos”, “Últimos 20 anos”, “Inglês, Português e/ou Espanhol” e “Revisado por Pares”. No total, foram identificados 136 artigos. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), os filtros aplicados foram “Acesso aberto” e “Últimos 20 anos”. Foram encontrados 51 trabalhos, no total.

A partir dos trabalhos localizados, procedeu-se à primeira seleção, considerando os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos no protocolo da RSL. Ao final, foram selecionados 16 trabalhos na base CAPES e 10 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A totalização dos dados resultou em 26 trabalhos, que foram examinados com maior rigor na etapa seguinte.

Assim, conforme os critérios estabelecidos, iniciou-se o processo de inclusão de trabalhos, fundamentado em uma leitura atenta. Os artigos foram lidos integralmente. As teses e dissertações tiveram o resumo, a introdução e as considerações finais analisados de forma completa. Ao final foram selecionados 6 artigos provenientes da plataforma CAPES e 5 trabalhos (teses e dissertações) presentes na BDTD.

O processo de inclusão e exclusão de trabalhos está sintetizado na Figura 2.

Figura 2: Fluxograma de triagem dos trabalhos (setembro, 2025).



Fonte: Autoras.

Concluídas a triagem e leitura dos trabalhos, iniciou-se a fase final, que consistiu na tabulação e análise de suas principais características. Os resultados obtidos são apresentados e discutidos a seguir.

4 DESENVOLVIMENTO

Dentre os 26 trabalhos identificados (16 provenientes da base CAPES e 10 da base BDTD), foram selecionados os 11 que apresentavam maior relevância e alinhamento com o tema central da pesquisa. Eles compuseram uma base consistente para aprofundar a investigação sobre a relação entre convivialidade, arquitetura e *design*, uma vez que abordavam diretamente os conceitos e práticas essenciais ao objeto do

estudo. No Quadro 1 os trabalhos selecionados são listados por ordem cronológica, com seus respectivos autores, títulos e bases em que foram localizados.

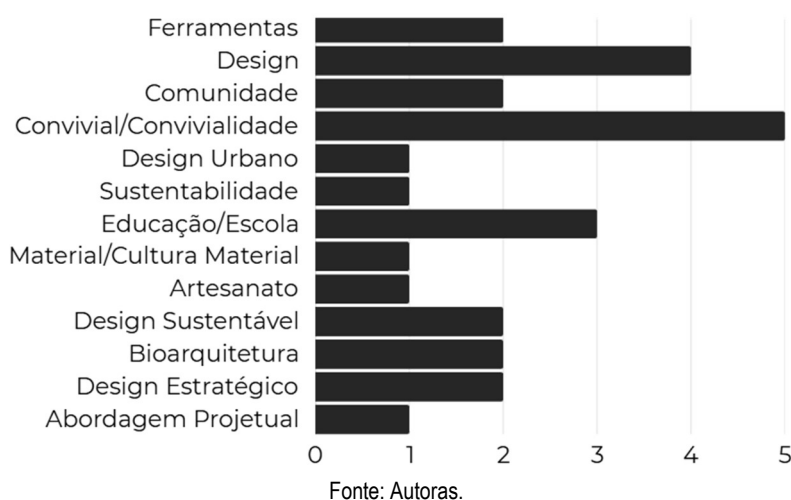
Quadro 1. Ano de publicação, título das obras e nome dos autores (agosto, 2025).

	Ano	Autor(es)	Título	Base
1	2012	MACDONALD, S.	<i>Tools for community: Ivan Illich's legacy</i>	CAPES
2	2013	LÓPEZ, V.; BILBAO, M.; AGUILAR, C.; MORALES, M.; VILLALOBOS, B.; DEL CASTILLO, A.	Monitorear la convivencia escolar para fortalecer (no disminuir) las capacidades de las escuelas	CAPES
3	2015	RODRÍGUEZ, M.; SIMON, M.	Conceptualizing Conviviality in Urban Landscapes	CAPES
4	2017	DA SILVA, J. T.; FARBIARZ, J. L.	Creating from natural materials: Huni Kuin material culture	CAPES
5	2017	MELO, O.	<i>Design/Educação: a convivialidade como território para a discussão do Design da Informação como ferramenta de ensino-aprendizagem escolar</i>	BDTD
6	2018	BUENO, A.	Uma coalizão de <i>design</i> para a transformação social: propondo diálogos estratégicos entre ecossistemas criativos	BDTD
7	2019	ARAÚJO, F.	Espaços culturais e design: tecendo relações com o território por meio de processos participativos	BDTD
8	2020	DA SILVA, J.; DIAS, C.; FARBIARZ, J.	Conviviality and Design: Interaction, Learning and Autonomy	CAPES
9	2021	TERRES, M.	Cartografia de projetos de aprendizagem: uma proposta de abordagem projetual convivial do design estratégico	BDTD
10	2023	PACHECO, J.; DORNELES, V.	A apropriação dos pátios escolares e a importância no cotidiano de seus usuários	BDTD
11	2023	TOOLEY, J.	Conceptualizing Conviviality: An Interior Speculation	CAPES

Fonte: Autoras

Na Figura 3 é possível observar a frequência das palavras-chave utilizadas nos 11 trabalhos selecionados, que envolveram 13 termos. Dentre eles destacam-se como mais frequentes “convivialidade”, “*design*” e “educação/escola”, sugerindo um cruzamento entre questões socioambientais e práticas colaborativas.

Figura 3. Frequência de palavras-chave nos trabalhos analisados (setembro, 2025).



Por fim, a partir da leitura qualitativa dos resumos e dos textos completos, foi possível agrupar os trabalhos em quatro eixos temáticos distintos, com base em seus enfoques teóricos, metodológicos e aplicados. O

primeiro reúne produções de caráter conceitual e teórico, dedicadas à discussão do termo convivialidade (Macdonald, 2012; Rodríguez; Simon, 2015; Tooley, 2023). O segundo contempla experiências práticas de projeto, nas quais o conceito de convivialidade orienta decisões espaciais e metodológicas (Araújo, 2019; Terres, 2021; Pacheco, 2023). Já o terceiro eixo se concentra na relação entre convivialidade e educação, reunindo trabalhos que tratam da aprendizagem escolar ou acadêmica (López *et al.*, 2013; Melo, 2017; Da Silva; Farbiarz, 2017; Da Silva *et al.*, 2020). Por fim, o quarto e último eixo aborda a convivialidade como ferramenta de transformação cultural e social, com foco em práticas criativas e comunitárias (Bueno, 2018). O Quadro 2 apresenta os 11 trabalhos selecionados de acordo com cada eixo temático.

Quadro 2. Eixos temáticos de cada trabalho, agosto, 2025.

	Trabalho Acadêmico	Eixo Temático	Justificativa
1	<i>Tools for community: Ivan Illich's legacy</i> (MACDONALD, S.)	Eixo 1 – Abordagens teóricas e conceituais	Discussão teórica sobre a contribuição de Ivan Illich. Explora a convivialidade como legado conceitual.
2	<i>Monitorear la convivencia escolar para fortalecer (no disminuir) las capacidades de las escuelas</i> (LÓPEZ, V.; BILBAO, M.; AGUILAR, C.; MORALES, M.; VILLALOBOS, B.; DEL CASTILLO, A.)	Eixo 3 – Convivialidade e educação	Convivialidade relacionada à dinâmica social na escola/ ambiente de aprendizagem.
3	<i>Conceptualizing Conviviality in Urban Landscapes</i> (RODRÍGUEZ, M.; SIMON, M.)	Eixo 1 – Abordagens teóricas e conceituais	Trabalho teórico-conceitual sobre a relação da convivialidade com o urbano.
4	<i>Creating from natural materials: Huni Kuin material culture</i> (DA SILVA, J.; FARBIARZ, J.)	Eixo 3 – Convivialidade e educação	<i>Design</i> usado como forma de aprender e ensinar práticas culturais (prática educativa intercultural com indígenas).
5	<i>Design/Educação: a convivialidade como território para a discussão do Design da Informação como ferramenta de ensino-aprendizagem escolar</i> (MELO, O.)	Eixo 3 – Convivialidade e educação	Convivialidade como território conceitual para o ensino (espaço, educação e <i>design</i> informacional).
6	<i>Uma coalizão de design para a transformação social : propondo diálogos estratégicos entre ecossistemas criativos</i> (BUENO, A.)	Eixo 4 – Convivialidade como transformação social e cultural	Ênfase em mudança cultural e social por meio do <i>design</i> - convivialidade como ferramenta estratégica para criar ecossistemas criativos.
7	<i>Espaços culturais e design: tecendo relações com o território por meio de processos participativos</i> (ARAÚJO, F.)	Eixo 2 – Aplicações práticas em projetos	Relato de experiência com projeto participativo territorial.
8	<i>Conviviality and Design: Interaction, Learning and Autonomy</i> (DA SILVA, J.; DIAS, C.; FARBIARZ, J.)	Eixo 3 – Convivialidade e educação	<i>Design</i> e aprendizagem autônoma.
9	<i>Cartografia de projetos de aprendizagem: uma proposta de abordagem projetual convivial do design estratégico</i> (TERRES, M. B.)	Eixo 2 – Aplicações práticas em projetos	Apresenta metodologia projetual convivial (ferramenta de projeto).
10	<i>A apropriação dos pátios escolares e a importância no cotidiano de seus usuários</i> (PACHECO, J.; DORNELES, V)	Eixo 2 – Aplicações práticas em projetos	Análise da vivência e apropriação espacial - ambiente escolar como espaço de prática e uso.
11	<i>Conceptualizing Conviviality: An Interior Speculation</i> (TOOLEY, J.)	Eixo 1 – Abordagens teóricas e conceituais	Especulação conceitual; foco na exploração abstrata do termo convivialidade como conceito e método por meio da análise de projetos reais.

Fonte: Autoras.

Quanto às abordagens teóricas, no eixo 1 se observa a contribuição à compreensão teórica da convivialidade em diferentes escalas e contextos.

Convivialidade descreve um tipo de vida social em espaços urbanos. Locais conviviais são caracterizados por serem amigáveis e animados. Locais conviviais promovem a tolerância e a troca mútua de ideias entre as pessoas e os grupos que os habitam (Rodriguez; Simon, 2015, p. 315, tradução nossa).

Essa compreensão, vinculada ao espaço coletivo e às práticas sociais, encontra eco no campo do *design* de interiores, no qual “criar espaços que estimulem tais interações sociais, por mais passivas ou fugazes que sejam, é crucial para a coesão da nossa comunidade e, portanto, esses espaços são considerados no discurso urbano como arenas de vida democrática” (Tooley, 2023, p. 1, tradução nossa).

Se, no plano conceitual, a convivialidade se mostra como um princípio orientador para a criação de ambientes mais inclusivos e colaborativos, é na dimensão prática que sua efetividade pode ser verificada, como ocorre nos trabalhos do eixo 2. Nota-se o “potencial do *design* em integrar campos de conhecimento e promover meios para a participação e colaboração em processos que envolvam a comunidade na potencialização da relação dos espaços culturais com seu território” (Araújo, 2019, p. 15).

Tal perspectiva dialoga com a reflexão de Pacheco e Dorneles (2023), que enfatizam a importância da apropriação cotidiana dos ambientes pelos seus usuários, “a capacidade de atender suas demandas de uso e de autoexpressão, por meio do cuidado, controle, demarcação e personalização” (Pacheco; Dorneles, 2023, p. 143).

Ademais, ao articular os eixos 3 e 4, evidencia-se a relação entre convivialidade, *design* e educação, ressaltando-a como elemento central nas reflexões de Illich. Como reforçam Silva, Dias e Farbiarz (2020, p. 194, tradução nossa), “ele critica fortemente o conhecimento institucional em nossa sociedade e propõe um conhecimento convivial, que tem aprendizagem espontânea e não programada.” Essa crítica implica que arquitetos e designers repensem seus papéis, deslocando-os de uma prática centrada em prescrições formais para uma atuação que valorize a experimentação e os saberes emergentes dos próprios usuários. Tal perspectiva, por fim, encontra ressonância nas reflexões de Silva e Farbiarz (2017):

Hoje em dia, com o mundo tendo cada vez mais influências de *design* vernacular e cada vez mais experiências de *design* participativo e comunitário, o *designer* deve estar ciente da complexidade do tecido cultural que cria o mundo (Silva; Farbiarz, 2017, p. 49, tradução nossa).

Nesse sentido, compreender a convivialidade como horizonte do design significa reconhecer que os processos projetuais deixam de ser apenas um dos agentes de soluções materiais para se tornarem facilitadores de encontros e práticas sociais que valorizam o saber compartilhado e a participação ativa das comunidades.

5 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo o mapeamento teórico da relação entre convivialidade, arquitetura e *design*. De modo geral, observou-se que o conceito de convivialidade vem sendo associado, em parte da literatura analisada, a práticas que valorizam a coautoria, a apropriação do espaço e a construção de vínculos sociais por meio do ambiente, mas não diretamente ao contexto arquitetônico. Poucos trabalhos exploram a convivialidade como aplicação prática em ambientes projetados, como escolas ou espaços comunitários, o que evidencia uma lacuna a ser preenchida por futuras pesquisas que aproximem o conceito da prática arquitetônica e do cotidiano do ambiente construído.

Além disso, ao sistematizar e mapear a produção existente, este estudo contribui para a consolidação da convivialidade como campo emergente na arquitetura e no *design*. Ao reunir diferentes abordagens, perspectivas teóricas e aplicações práticas, amplia-se a possibilidade de reflexão crítica sobre os modos de projetar e habitar os espaços. Nesse sentido, os resultados apontam a importância de incorporar princípios de convivialidade em projetos reais, seja na criação de ambientes educacionais mais colaborativos, em propostas de habitação coletiva que favoreçam o senso de pertencimento ou em espaços urbanos desenhados para promover encontro, permanência e cuidado com o território.

Por fim, ao identificar lacunas e tendências na produção científica, o estudo oferece subsídios para novas investigações e para o fortalecimento do diálogo interdisciplinar. Conclui-se que a convivialidade constitui não apenas uma perspectiva conceitual, mas também pode tornar-se uma possível ferramenta teórico-

metodológica para orientar práticas projetuais comprometidas com modos de habitar mais éticos, inclusivos e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. S. **Espaços culturais e design**: Tecendo relações com o território por meio de processos participativos. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Design, Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/9081>. Acesso em: 16 ago. 2025.
- BUENO, A. C. de P. **Uma coalizão de design para a transformação social**: propondo diálogos estratégicos entre ecossistemas criativos. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Design. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7135>. Acesso em: 17 ago. 2025.
- ELLUL, J. **The Technological Society**. Tradução de John Wilkinson. New York: Vintage Books, 1954.
- FRANZATO, C. **Toward a Convivial Design**. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology. v. 40, 2024.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GORZ, A. **Farewell to the Working Class: An Essay on Post-Industrial Socialism**. London: Pluto Press, 1980. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=7wxpl7sYYCYC&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- ILLICH, I. **Deschooling society**. New York: Harper & Row, 1971
- ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. 129 p. (Coleção Educação e Tempo Presente, 10).
- ILLICH, I. **Tools for conviviality**. New York: Harper & Row, 1973.
- ILLICH, I. **A convivencialidade**. (Coleção Estudos e Documentos, n. 4116/2148). Tradução de Arsénio Mota. Lisboa: Publicações Europa-América, fev. 1976..
- LÓPEZ, V.; ASCORRA, P.; BILBAO, M. Á; CARRASCO, C.; MORALES, M.; VILLALOBOS, B.; DEL CASTILLO, Á. A. Monitorar la Convivencia Escolar para Fortalecer (No Disminuir) las Capacidades de las Escuelas. **Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa**, v. 6, n. 2, p. 201–219, 2013. Disponível em: <https://revistas.uam.es/riee/article/view/3413>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- MACDONALD, S. W. Tools for community: Ivan Illich's legacy. **International Journal of Education through Art**, v. 8, n. 2, p. 121–133, maio 2012. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/eta.8.2.121_1. Acesso em: 12 ago. 2025.
- MANZINI, E. **Design, when everybody designs: an introduction to design for social innovation**. Cambridge, MA: MIT Press, 2015.
- MELO, O. M. de. **Design/Educação: a convivialidade como território para a discussão do Design da Informação como ferramenta de ensino-aprendizagem escolar**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Design. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/jspui/handle/123456789/27586>. Acesso em: 14 ago. 2025.
- MONTESSORI, M. **Mente absorvente**. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. São Paulo: Nordica, 1987.
- PACHECO, J. A.; DORNELES, V. G. A apropriação dos pátios escolares e a importância para seus usuários. **Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 9, n. 1, p. 140–155, jan. 2023. DOI: 10.21680/2448-296X.2024v9n1ID32047. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/32047>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- PAPANEK, V. **Design for the Real World: Human Ecology and Social Change**. New York: Pantheon Books, 1971. Disponível em: https://monoskop.org/images/f/f8/Papanek_Victor_Design_for_the_Real_World.pdf. Acesso em: 21 ago. 2025.
- RODRIGUEZ, M. B.; SIMON, M. Conceptualizing Conviviality in Urban Landscapes. **Athens Journal of Architecture**, v. 1, n. 4, p. 311–326, Atenas, out. 2015. Disponível em: <https://www.athensjournals.gr/architecture/2015-1-4-4-Rodriguez.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- SILVA, J. T. da; MACEDO DIAS, C.; FARBIARZ, J. L. Conviviality and Design: Interaction, Learning and Autonomy. **DAT Journal**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 190–205, mar. 2020. Disponível em: <https://datjournal.anhembi.br/dat/article/view/179>. Acesso em: 22 ago. 2025

SILVA, J. T. da; FARBIARZ, J. L. Creating from natural materials: Huni Kuin material culture. **Strategic Design Research Journal**, v. 10, n. 1, p. 47–56, Jan./Abr. 2017. DOI: 10.4013/sdrj.2017.101.06. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/article/view/sdrj.2017.101.06>. Acesso em: 12 ago. 2025.

TERRES, M. B. **Cartografia de projetos de aprendizagem**: uma proposta de abordagem projetual convivial do *design* estratégico. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Design.. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9726>. Acesso em: 18 ago. 2025

THOMBRE, L.; KAPSHE, C. Conviviality as a spatial planning Goal for public open spaces. **International Journal of Recent Technology and Engineering (IJRTE)**, vol. 8 n. 5, jan 2020. Disponível em: <https://www.ijrte.org/portfolioitem/E7038018520/>. Acesso em: 18 ago. 2025

TOOLEY, J. Conceptualizing conviviality: An interior speculation. **Journal of Interior Design**. Vol. 48, n.3, p. 167–173, 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/10717641231178003>. Acesso em: 20 ago. 2025

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.